

APRESENTAÇÃO

O presente volume de *Dimensões – Revista de História da Ufes* tem como dossiê o tema *Identidades negras e indígenas*, cuja escolha se encontra condicionada pelas inquietações e dilemas que nós, pesquisadores brasileiros do século XXI, temos experimentado no confronto com uma realidade mundial marcada de maneira muito singular pelos assim denominados mecanismos de globalização. A globalização, se por um lado contém em seu bojo a ameaça de padronização de práticas e concepções culturais numa escala mundial, por outro pode conduzir àquilo que Stuart Hall definiu, em certa ocasião, como a “proliferação subalterna da diferença”, a consciência de que determinadas tradições não podem ser simplesmente descartadas pelos seus detentores, dando margem assim a um amplo movimento no sentido de preservá-las para a posteridade. No caso do Brasil, esse processo tem conduzido diretamente à (re) valorização da nossa herança ancestral, estimulando-se uma reflexão acadêmica e uma militância social no sentido de passarmos em revista nosso próprio passado, de trazeremos à luz do dia atores sociais que, em virtude da experiência escravista, permaneceram por muito tempo soterrados por uma memória que acentuava em demasia nossa filiação européia, lusitana como, por exemplo, os negros e os indígenas, cuja história, deveras rica e complexa, é captada sob múltiplas perspectivas e temporalidades nos artigos que compõem o dossiê.

Aspectos da construção da identidade negra são tratados em quatro artigos. O primeiro deles, de Aliger dos Santos Pereira e Fabiano Viana Oliveira intitulado *O quilombo do Bananal e a questão da identidade histórica*, tem por finalidade discutir a formação da identidade dos indivíduos nascidos e criados em Bananal, uma comunidade remanescente de quilombo localizada na Chapada Diamantina, no Estado da Bahia. Já em *Trânsito, conquista e aventura na América portuguesa: sertão baiano no século XVIII*, Isanara Pereira Ivo analisa a trajetória do ex-escravo português João Gonçalves da Costa, que em meados do século XVIII, após a travessia do

Atlântico, instala-se no norte de Minas Gerais e passa a integrar bandeiras formadas por homens brancos para a conquista de parte do sertão da Bahia. Washington Santos Nascimento, em “*São Domingos, o grande São Domingos*”: *repercussões e representações da Revolução Haitiana no Brasil escravista (1791-1840)*, discute o impacto da independência do Haiti sobre o cotidiano escravista do Brasil colonial por intermédio do estudo dos letrados e viajantes. Por último, numa abordagem da questão negra na atualidade, o artigo de Petrônio Rodrigues, *Movimento negro brasileiro: história, tendências e dilemas contemporâneos*, busca compreender a trajetória do movimento negro organizado a partir de um enfoque culturalista.

A construção das identidades indígenas, por sua vez, é assunto de Francieli Aparecida Marinato, que em *Nação e civilização no Brasil: os índios Botocudo e o discurso de pacificação do Primeiro Reinado*, analisa o discurso de pacificação contido na política indígena do Império do Brasil entre 1822 e 1831, tendo como estudo de caso os índios Botocudos, habitantes da região do Rio Doce, no Espírito Santo. Com o texto de Maria das Graças, intitulado *Os Tupinikim e a questão da luta pela terra*, somos informados sobre o dilema da demarcação das terras vivido ainda hoje por muitas comunidades indígenas. O enfoque recai sobre os Tupinikim de Aracruz, Espírito Santo, que há décadas se encontram em litígio com a Aracruz Celulose no sentido de reaver os territórios ocupados pela empresa desde o final da década de 1960. Encerrando o volume, temos ainda quatro artigos que abordam temas relacionados à História Medieval e à História do Brasil na sua fase republicana.